

DOIS

CORREIO BRAZILIENSE, domingo, 16 de abril de 1995

EDITOR: Paulo Pestana/SUBEDITOR: Luciano Milhomem/COORDENADOR: Cláudia Ferreira Telefones (061) 3212123 Ramal 140/Fax (061) 321-3864

Campanha oficial tenta acabar de vez com a resistência dos homens para usar camisinha

PÁGINA 3

Sem ter que servir peru, menu renovado na Páscoa pode incluir risoto, que é rápido e fácil de fazer

PÁGINA 7

Depois de seis anos de "praga", índios recuperam, no próximo dia 19, prédio onde vai funcionar o Memorial dos Povos Indígenas

LOURENÇO FRÁGUAS

Mamaé Catuité não mora mais no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília. Ele foi despejado no último dia 15 de março. Mamaé Catuité era o espírito mau que há quase seis anos os pajés Sapaim e Raoni mandaram vigiar aquele espaço, que branco não queria entregar para índio.

Agora que branco resolveu criar Memorial do Índio, Sapaim voltou e mandou espírito mau embora. Sapaim, pajé camaiurá do Alto Xingu, fumou cigarro de sete ervas (*pajés petan*), balbuciou coisas ininteligíveis, fez pajelança boa e ordenou: "Vai embora, Mamaé Catuité!"

Sapaim contou que viu espírito grande e outros pequenos correndo ao redor da oca do memorial. Sapaim ficou lá 20 minutos e viu Mamaé Catuité ir embora em sua roupagem de palha. Depois disso dois raios riscaram o céu da tarde daquela quarta-feira chuvosa. Sapaim disse que tudo estava bem.

No dia da pajelança que exorcizou o espírito mau e seu séquito, o pessoal do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, último inquilino do espaço, arrumava as malas e deixava o local. Antes, tentaram implantar ali o Museu de Arte de Brasília. Mamaé Catuité estava vigilante e não deixou.

Pajelança não é mais novidade para homem branco. Em 1986, o cientista capixaba, Augusto Ruschi, passou pelo processo sagrado da defumação de Sapaim e Raoni. Eles tentaram, com relativo sucesso, tirar o espírito mau que um sapo venenoso inoculava no corpo do cientista (veja matéria).

Camaiurá — A gerente do Teatro Nacional, Liège Bernardini, conhece bem os rituais indígenas. Ela viveu entre os camaiurá durante dois anos, recebeu batismo, e conta: "O cigarro com ervas usado na pajelança coloca o pajé em sintonia com Mamaé, o espírito bom. Ajuda no transe necessário à cerimônia" (leia box).

Pajelança de índio é forte. Em 1988, quando Oscar Niemeyer declarou que sua obra era bonita demais para servir de memorial indígena, ninguém conseguiu fincar raízes por lá. Na época, um ritual indígena condenou o prédio a entrar em franca decadência.

Mas não vai ficar mais assim. A Novacap andou levantando os estragos, que são muitos, para recuperação do memorial. Futuramente infiltrações serão eliminadas, vidros trocados e o lugar ganhará pintura nova. Para a cerimônia de entrega do local aos índios os reparos serão ainda modestos.

A festa vai acontecer nesta quarta-feira, *Dia do Índio*. A coordenadora do Programa de Museus da Secretaria de Cultura, Ana Lúcia Pompeu de Souza, anda às voltas com a programação, que promete.

O líder indígena David Terena, presidente do Instituto Americano das Culturas Índias do Brasil, garante que cerca de 80 chefes indígenas estarão presentes.

Terena contabiliza 180 tribos no País, para um total de 500 mil índios. Ele diz que o memorial não servirá apenas para resguardar a memória dos povos indígenas, mas servirá também para estudo e pesquisa da cultura deles.

A entrega do espaço, segundo Ana Lúcia, deve ser vista como um rito de passagem. A data oficial de inauguração do memorial só acontecerá no dia 5 de novembro. Até lá, os índios vão organizando o acervo do memorial.

Fotos: Adauto Cruz



O pajé Sapaim, camaiurá do Alto Xingu, encarregou-se de expulsar o mau espírito que "vigiava" o prédio do memorial

Pajelança de "Vai embora, Mamaé Catuité!" Resultados

Pajé Sapaim

Memorial volta às mãos dos índios

memória ancestral dos índios encontrou finalmente lugar para repousar. Logo ela que, há oito anos, vem tentando, por intermédio de seus filhos, recuperar um espaço perdido ao qual sempre teve direito, apesar das controvérsias.

Pouco ou nada adiantou a implicância do arquiteto Oscar Niemeyer, o qual, em 1988, declarou que seu projeto para o Memorial dos Povos Indígenas era muito bonito para essa finalidade.

Ao longo desse tempo e depois de marchas e contramarchas, com cumplicidade inclusive do então governador José Aparecido, o Memorial vai surgir das cinzas do passado não por coincidência no *Dia do Índio*

Às 17h dessa quarta-feira, o governador do Distrito Federal Cristovam Buarque presidirá a entrega simbólica do memorial a seus legítimos donos, os índios. Em seguida será anunciado o lançamento do *Prêmio Darcy Ribeiro* para a Rede Escolar da Fundação Educacional do DF.

Turismo — Durante todo o dia estão previstas atividades artísticas e culturais no me-



O Memorial dos Povos Indígenas vai funcionar onde era o Instituto Histórico e Geográfico do DF

memorial, sempre enfocando a cultura indígena. O senador e antropólogo Darcy Ribeiro defende a idéia de que o espaço "tenha um percurso básico voltado para os turistas".

Ele acredita que inevitavelmente os visitantes que chegam a Brasília visitarão o memorial, que fica a 100 metros do Memorial JK, que acabará funcionando como um chamariz.

Seu entusiasmo é tamanho que ele e sua ex-mulher e também antropóloga Berta Ribeiro já doaram todo o acervo de objetos indígenas que colecionaram ao longo da vida.

Do Rio de Janeiro, Berta Ribeiro, responsável pelo projeto de instalação interna do espaço, confirma a doação de 380 peças, adquiridas desde 1948. Ela acha ainda que além de

exposições de objetos tribais, o memorial deva ter uma videoteca sobre os índios.

Direção — Berta só espera que não haja disputa entre as lideranças indígenas pela direção do novo espaço, apesar de concordar que isso pode acontecer. De sua parte ela advoga a escolha de um ou uma antropóloga para gerenciar o memorial.

O líder Davi Terena não vê impedimento em um índio no comando. Ele diz que é preciso acabar com a visão folclórica sobre os indígenas. "Queremos mostrar que existem índios que estudam, que têm curso superior. O índio é capaz de dirigir o memorial", garante Terena.

A coordenadora do Programa de Museus da Secretaria de Cultura do DF, Ana Lúcia Pompeu de Souza, quer colocar ponto final nessa discussão em torno de quem dirigirá o memorial. Segundo ela, até se definir isso, ele será gerenciado pela Secretaria da Cultura e Fundação Cultural.

Com isso fica a questão adiada, no máximo, até o dia 5 de novembro, data oficial para a inauguração do Memorial dos Povos Indígenas. (L.F.)

VOCÊ ACREDITA?

"Não tem nada a ver acreditar ou não. Acho bom Sapaim ter feito a pajelança, pois cada grupo tem direito à religião. Nesse caso do memorial parece que deu certo, pois ele está fechado há 6 anos após a pajelança."

Berta Ribeiro

Antropóloga e responsável pelo projeto de instalação do memorial.

"Não acredito. A vontade de que aquilo seja um memorial indígena é maior do que qualquer coisa. Se aquele espaço não for do índio, não será de mais ninguém."

Ana Lúcia Pompeu de Sousa
Coordenadora do Programa de Museus da Secretaria de Cultura e Esporte do DF.

"Os fatos estão aí para demonstrar a forte energia positiva da pajelança e seu poder de influenciar as pessoas."

Maria de Souza Duarte
Secretária de Cultura e Esporte do DF.

"Acredito. A pajelança é a manifestação do sobrenatural na vida do índio. Os índios sempre faziam pajelança comigo e meu irmão Cláudio. Quando estávamos sentindo alguma coisa, o pajé acendia seu cigarro e soprava a fumaça sobre nós."

Quando estávamos sentindo alguma coisa, o pajé acendia seu cigarro e soprava a fumaça sobre nós.

E funcionava."

Orlando Villas Boas
Sertanista e escritor.

MATÉRIA DE CAPA

Pajés trataram com ervas o cientista Augusto Ruschi

A primeira pajelança amplamente divulgada pela imprensa nacional e internacional de que se tem notícia aconteceu em 23 de fevereiro de 1986, no Rio de Janeiro.

Nesse dia, e nos três seguintes, as atenções se voltaram para o cientista capixaba Augusto Ruschi e os pajés Raoni, dos txucarramãe, e Sapaím, dos camaiurá.

A cerimônia da pajelança tinha por objetivo curar o cientista, que há dez anos vinha sofrendo de uma grave doença que degenerava seu fígado, consequência de um virulento veneno inoculado em seu corpo por um sapo dendrobata, do Amapá.

O líder indígena David Terena assegura que para cada caso existe uma pajelança específica e que normalmente estão ligadas aos males do corpo. Esse era o caso do cientista Augusto Ruschi.

Na época, Ruschi havia dito que se submeteria ao tratamento dos pajés porque acreditava na medicina natural estabelecida pelos índios e também para dar um exemplo à juventude brasileira sobre a eficácia das ervas da nossa flora.

Durante as sessões, que duraram quatro dias no bairro de Santa Tereza, no Rio, só foram permitidas as presenças da mulher de Ruschi, Marilande Angeli Ruschi, seu filho Márcio e do amigo Rogério Medeiros.

No dia marcado para a pajelança, às 9 horas da manhã de uma quinta-feira, o quadro clínico de Ruschi era desanimador. Seu fígado estava pedrado em 95%, o baço muito afetado e ele sofria hemorragias nasais constantes.



O cientista capixaba Augusto Ruschi recebeu cuidados "médicos" do cacique Raoni, um txucarramãe

RELATO

Rogério Medeiros, que também é jornalista, documentou e fotografou todo o ritual de tratamento a Augusto Ruschi. É ele quem conta:

"Entreí mais crédulo do que devo para participar. Mas logo esse estado de espírito se modificava, principalmente quando vi sair do corpo do cientista uma massa verde-oliva, parecendo goma de mascar.

E a primeira que saiu veio somente 20 minutos depois de os dois pajés terem acendido os seus cigarros e jogado fumaça sobre o corpo do cientista,

que estava deitado numa cama de casal apenas de cueca.

Satisfeito, Sapaím fez questão de mostrar primeiro à mulher do naturalista. Pediu que ela cheirasse. 'É o sapo', disse ofegante para ela, dando a impressão de que, a partir daí, estava positivado que o cientista tinha sido realmente envenenado por um sapo.

Para surpresa dos que estavam presentes ele começou a jogar fumaça sobre a pequena massa, esfregando-as nas mãos de várias maneiras.

Puxou seguidos tragos no seu cigarro de pajé, que mede 30 centímetros e tem fumo dentro enrolado numa folha, e fazendo um oco com as mãos, lançou fumaça. Depois de fazer isso várias vezes, abriu as mãos mostrando a todos que a massa não existia mais. 'O sapo foi embora', declarou.

O sapo de que eles falavam era meramente parte do veneno saído naquela massa verde. Menos de cinco minutos depois, Sapaím tirava outra massa da mesma cor. Dessa vez levou para o filho de Ruschi olhar e cheirar.

E repetiu a cena do desaparecimento da massa, próximo à janela do cômodo que os índios escolheram para o ritual da pajelança. A terceira massa veio para mim, quando Sapaím suspendeu a mão e encostou a massa em minha narina.

Fui seguindo Sapaím até à janela,

onde ele fez desaparecer a massa. E abriu as mãos para mim — não havia realmente mais vestígios dela. As mãos estavam limpas.

Após um intervalo de 40 minutos, a parte inicial da cerimônia durara uma hora e 20 minutos, eles começaram a segunda parte. Logo de início uma nova surpresa: a massa, que é o veneno para os pajés, mudou de cor. Ficou toda branca.

E à medida que saía do corpo de Ruschi, diminuía de tamanho, na quantidade, e arredondava. Esse segundo momento da pajelança durou apenas 30 minutos, mas em compensação tirou muito mais massa do naturalista do que o primeiro.

No encerramento, Sapaím disse que o veneno estava diminuindo muito no corpo de Ruschi. E Ruschi, que estava se vestindo para sair do quarto, com a voz mais firme, muito tranquilo, sem dor — o que ressaltou logo — disse para mim, com os olhos muito acesos, o que não fazia há meses: 'Olha, acho que eles acabaram me curando mesmo'.

Isso aconteceu em fevereiro de 1986. No dia 3 de junho do mesmo ano, numa terça-feira, às 13h10, Augusto Ruschi falecia aos 71 anos no Hospital São José, em Vitória. A pajelança lhe garantiu uma sobrevida de quatro meses. (L.F.)

Eugenio Novaes



Índio vai além dos protestos: pajelança também se usa para curar

“Mama’e, vem trazer o espírito!”

Essa pajelança foi narrada pelo pajé camaiurá, Takumã, ao antropólogo e teólogo Etienne Samain, em setembro de 1977:

“Quando alguém fica doente, ele chama Payemet, grupo de pajés, para curar ele. O irmão do doente vai chamar aquele que sabe muito de canto de pajé, o Maraka’ip, mestre de cerimônia; grande cantor.

Aí ele vem e fala com ele (doente): “Ah, é mama’e que está matando você!”. O dia seguinte Maraka’ip manda ao irmão do doente para fazer pimenta. Aí Maraka’ip vai convidando Payemet.

Aí eles (pajés) chegam muito. Aí Payemet faz só risadas, vai brincando; não fica triste; não pensa que aquele doente vai morrer. Payemet não pode pensar nisto.

Aí Maraka’ip fala aos pajés: “Vamos ver mama’e!”. Aí eles vão para saber mama’e; fazem cigarros e, com a fumaça, primeiro ingerida, depois insuflada nas mãos...uuf, uuf... dizem: “Você fumaça tem que contar direito mama’e para mim.”

Uuf...uuf... “Você tem que contar direito para mim mama’e. Aí eles vão fumando todos: tsi, tsi... (ruído de aspiração do fumo). Todo pessoal Payemet está fumando para ver mama’e (mama’e wetsak).

Aí todo mundo pega o chocalho (kamiti) e começa a cantar: “Oeh! Oeh! Eruiatama...Aluakumululu, canto cuja letra, em língua Mehinaku significa: “Mama’e, vem trazer o espírito!...Estou curando a Lua”. Awé, final do canto. Aí param.

Aí o Payemet fala para o doente: “Nós vimos o seu i’ang (“sombra”)... “espírito”) junto com mama’e. Aí eles (pajés falam): “Agora, vamos procurar o i’ang lá onde ele está, na mão de mama’e.”

Aí Maraka’ip de pajé pergunta: “-Pia (irmão), eu vou buscar o seu i’ang lá onde começou a ficar doente”. Aí Payemet vai repetindo cinco vezes, o que corresponde ao número de pajés que, normalmente, vão procurar o i’ang, procurar e chamar i’ang mama’e. O resto dos pajés fica na casa.

Eles botam uma bonequinha (desenho) aí no peito do doente, dizendo ao doente: “Agora você vai ficar bom! Agora você i’ang que se confunde com o próprio Ego do doente, chegou donde você estava ficando!”

Aí aquele doente fica suando quando chega o i’ang dele. Aí o doente fala. “Estou suando já!” Aí Maraka’ip diz: “Você está chegando! O seu i’ang está chegando onde você estava. É por isto que você está chegando agora!”

Aí Payemet continua curar ele (doente), amanhã, amanhã, amanhã, durante quatro dias. Aí aquele rapaz doente se levanta. Diz: “Estou bom já!”

Aí a esposa do doente bota um monte de beiju e o doente (ele mesmo) entrega para Payemet para falar e dar a prova que ele está bom já. É Payemet que dá petim para o rapaz que ficou doente. O doente fala: “Estou me sentindo muito bom; não sinto mais dor; estou comendo mingau direito também!”

Raoni teria ajudado pajé Sapaím a dar sobrevida de quatro meses ao pesquisador Augusto Ruschi com o auxílio de ervas medicinais

